

“A FÉ SERTANEJA”: A EXPERIÊNCIA DO DEVOTO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES NA CONSTITUIÇÃO DE SUA FÉ

Patrícia de Sousa Santos*

INTRODUÇÃO

O universo do devoto é um espaço circunscrito por diversas formas de apreensão do sagrado, resultado inclusive da forma como cada indivíduo usa e experimenta a fé, como rituais de devoção festivas e alegres constituindo os festejos, assim como penitenciais onde a dor dá significado a graça e expia os pecados. Nessa diversidade de cultos também estão presentes inúmeros santos cada um com sua função, protegem e atendem o devoto em seus pedidos, prestam-lhe socorro nas horas difíceis, tornando pela sua intervenção o impossível possível.

Santa Cruz dos Milagres faz parte desse lugar chamado sertão, nasce nesse universo religioso sertanejo onde a chuva se pede pela fé, nas orações e preces pelo fim da estiagem e melhores dias, onde a promessa é feita na perspectiva do atendimento do pedido, assim como a alegria das festas religiosas representam o agradecimento, por tanto trabalhamos na perspectiva de E. P. Thompson, que percebe a experiência dos sujeitos como relevantes na constituição cultural e social dos grupos, assim entendendo que,

Os homens e mulheres também retomam como sujeitos dentro deste termo- não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidade e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura. (THOMPSON, 1981, p. 182).

Essas experiências vivenciadas cotidianamente moldam o modo como o devoto se relaciona com a santa, seu jeito particular, quando inserido no contexto social, reflete a relação dos romeiros de Santa Cruz dos Milagres, que em romaria todos os anos reafirmam seus votos com a santa, renovam a promessa ao fazer novos pedidos, reiteram inclusive seus laços de confiança.

Ir a Santa Cruz dos Milagres é também “abastecer o armário” comprar a roupa da moda e os santinhos que farão parte das lembranças que serão levadas aos entes queridos, aos amigos e parentes que não puderam vir ou deixaram “parano”¹ a visita a Divina Santa Cruz, sendo assim, não é apenas a fé que movimenta a cidade de Santa Cruz dos Milagres, mas também o mercado que vende dos produtos de devoção ao traje da festa.

* Mestranda do Pós- Graduação em História do Brasil – UFPI. Email: pagusousa@hotmail.com

Compreendemos assim que a Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres atravessa o sentido estritamente religioso e passeia pela experiência social dos devotos da santa interferindo e constituindo também sua experiência religiosa, não podemos pensar que o devoto vai a Santa Cruz apenas com a intenção de pagar sua promessa seria determinar e delimitar os devotos e a própria romaria, eles atuam na romaria como agentes transformadores e “as maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer “agora”, “manipula” a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação” (THOMPSON, 1981, p. 189); rompem o senso de que são apenas homens de fé e agem preservando sua tradição religiosa, mas também criando novos modos de convívio com ela.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, que abriga o Santuário com o mesmo nome, fica a aproximadamente 180 km da Capital do Piauí, Teresina, a cidade localiza-se geograficamente no centro sul do Piauí, região semi-árida, entre cortada por rios, mas com um clima seco durante a maior parte do ano. O solo é pouco adequado à agricultura, tendo “no terreno acidentado uma das adversidades a formação de uma agricultura comercial, parte da população concentra-se na criação de ovinos e caprinos bem adaptados as condições do solo” (SANTOS, 2010, p. 18), além da agricultura os moradores da cidade ainda sobrevivem do trabalho nas barracas que vendem de tudo, mas especialmente as imagens da Santa Cruz dos Milagres. A romaria constitui uma das maiores rendas do município, pois graça a movimentação de pessoas a procura da milagrosa cruz, o comércio local sobrevive garantindo assim renda a população.

A devoção a Santa Cruz dos Milagres tem seu início ainda no século XIX, período onde se acredita ter começado a peregrinação em direção ao então vilarejo de Santa Cruz dos Milagres, a base existente para comprovar ou pelo menos delimitar o início da romaria está presente na fala do povo ou como diz Padre Davi Mendes de Oliveira, que foi pároco do Santuário por quase 30 anos, percebe-se “nas “histórias” do povo que haveria um sinal indicativo do que aconteceu no princípio” (OLIVEIRA, 1990, p. 05).

É a partir da oralidade do narrador (PORTELLI, 2001, p. 13) romeiro que reconstituiremos parte da romaria a Santa Cruz dos Milagres, pela narrativa de seus romeiros – devotos que são na verdade os principais propagadores da história da santa. A tradição oral conta que um beato, de quem não se sabe nome nem paradeiro, apareceu a um vaqueiro pedindo que o mesmo abrisse um buraco nas rochas para que ele pudesse fincar uma cruz de madeira, feita com um galho de árvore muito comum na região, a chapada, e a colocasse no chão. O beato ao perceber que o vaqueiro não havia cavado nada, traçou na pedra um círculo com o dedo e, sacou um extrato da mesma, colocando ali a cruz. Em seguida desceu o morro

acompanhado do vaqueiro e lhe mostrou um “olho d'água” desconhecido na região, segundo o beato ali aconteceriam muitos milagres.

O velho beato desapareceu e o vaqueiro voltou ao seu trabalho. Algum tempo depois, adoce a filha do vaqueiro e, apesar das rezas e promessas, a menina não melhora. É nesse momento que o vaqueiro se recorda do que lhe havia dito o beato sobre o olho d'água e a cruz. Ele, então, toma a filha nos braços e a leva para ser banhada na água milagrosa, logo a menina se recupera, a notícia do milagre se espalha e, a partir de então, romeiros de todo o Piauí e outras regiões do nordeste passam a visitar a cidade em busca de graças.

O movimento de pessoas em direção ao Santuário de Santa Cruz dos Milagres passa a tomar grandes proporções, principalmente por conta dos inúmeros milagres atribuídos a Santa, logo, Santa Cruz encontrou lugar cativo no coração dos devotos que a experimentam cotidianamente, que recorrem a ela nas horas difíceis, que acreditam e dão credibilidade a seus milagres, que transmitem as novas gerações, tornando-se alguns lares parte da tradição religiosa dessas famílias.

Mas a ida a cidade de Santa Cruz não se faz apenas pela devoção, alguns vêm na ida a o Santuário uma oportunidade de passear, uma forma de lazer, já que alguns têm esse passeio como maior entretenimento, nesse momento a fé se “dispersa” para dá lugar ao entretenimento e todas as possibilidades abertas, principalmente na Festa de Exaltação, onde fé, comércio e festa compartilham um mesmo espaço e também a atenção dos romeiros.

Mesmo assim muitos se habituaram a ouvir nas conversas da família sobre milagres da santa e, a crença que perpassa gerações sendo possível encontrar no Santuário dos avôs aos netos, todos movidos pela fé na mesma divindade, que habita seus lares e os auxilia nas horas de agonia, seja na busca do emprego, a cura de uma enfermidade, segundo os devotos um pedido com fé para a Santa Cruz dos Milagres os faz ser válidos.

A romaria tem se mantido com os anos, quase dois séculos, apesar de todas as transformações ocorridas ao longo da sua história, mas apesar das mudanças o culto a Santa Cruz dos Milagres permanece atual; é certo que com pedidos e romeiros com comportamentos diferentes, mas que pelo costume “herdaram” a crença na santa, mantendo a romaria como parte de suas obrigações, mantendo no seu dia-a-dia traços com o passado, pois os costume como lembra Eric Hobsbawm, “não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente.” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10).

Buscamos nesse artigo localizar a experiência religiosa piauiense a partir do culto a Santa Cruz dos Milagres – PI, demonstrando as maneiras como a religiosidade popular é



vivenciada no sertão do Piauí, discutindo a importância que a mesma ganhou na religiosidade piauiense.

A Experiência do devoto de Santa Cruz dos Milagres na constituição de sua fé

No sertão nordestino a devoção se inicia em lugares inusitados, embaixo de uma árvore, porta de cemitério, beira da estrada ou em lugares inóspitos onde a fé toma forma pela ação de almas milagrosas que pelo martírio alcançaram a graça e vem ao socorro de seus devotos. O sagrado pode manifesta-se ainda em objetos milagrosos que funcionam como instrumento de mediação do milagre passando então a funcionar como prova material da presença e intervenção divina, pois assim atestam seus devotos ao serem questionados sobre os poderes milagrosos de seus objetos de devoção.

As condições climáticas e sociais do sertão nordestino colaboram para a aparição desses elementos do sagrado, que se revelam como socorro ao sertanejo. A aridez do solo e as condições insalubres proporcionadas por essa terra seca contrastam com a força e determinação desses homens e mulheres que no seu cotidiano vivem uma luta contra as adversidades do solo e as precariedades da vida. O sagrado que age na fertilização da terra, na cura de doenças e ainda ajuda a encontrar animais perdidos, uma divindade que intervém na resolução dos problemas diários, os mais corriqueiros possíveis.

Ao observarmos a fala de Padre Davi Mendes no Livro do Tombo de São Felix de Cantalice percebemos inclusive como a seca, além de ser um fator de agravamento social, levava cada vez mais devotos a procura da santa, algo percebido não apenas pelo número de fiéis presentes na romaria, mas também pelo valor adquirido com as ofertas contabilizadas no final da festa.

Os romêiros mostram-se abertamente satisfeitos com os trabalhos e a renda financeira da festa chegou a atingir a importância de CR\$ 480,000,00 – quatrocentos e oitenta mil cruzeiros- com uma alta porcentagem sobre o ano passado, apesar da crise que ocorre pela seca e carestia em tudo. (SÃO FELIX, 1968-1984, p.128).

Esses problemas cotidianos revelados pela seca, que em certa medida, induz o homem do sertão a procurar no sobrenatural o que lhe falta no dia a dia. Padre Davi não afirma que as condições climáticas tenham sido as responsáveis pelo aumento considerável no número de romeiros, o que não significa que deixe de acreditar nisso, mas podemos sugerir que mesmo com a “carestia”, não falta à esmola do santo, pois seria ele que traria a chuva e conseqüentemente o fim das privações.

A estiagem que agrava os problemas do homem sertanejo, como a fome e a pobreza faziam e fazem até hoje, com que o Santuário de Santa Cruz dos Milagres receba um número expressivo de devotos, homens e mulheres que pedem a Divina Santa Cruz,² que lhes traga chuva e uma boa colheita, para esses devotos uma santa sertaneja como eles, nascida na mesma terra que eles poderia ouvir-los e entender seus pedidos.

A grande preocupação com esta festa, desde muito antes, foi a possível concentração excessiva de romeiros. A crise terrível pela qual o povo está passando, é fato conhecido, faz agigantar-se qualquer movimento social, sobretudo os de ordem religiosa. No caso específico de Santa Cruz, é a insegurança do povo, arrastando-o para o apêlo do sobrenatural. (SÃO FELIX, 1968-1984, p. 111).

A festa que levava alegria para o sertão piauiense representava, acima de tudo, um apelo de misericórdia do povo, que no desejo de ser ouvido pelas divindades, celebrava junto a Santa Cruz dos Milagres a alegria de mais um ano e a expectativa de que as dificuldades findassem, pedindo, por exemplo, o retorno da chuva e um inverno vigoroso, possibilitando a família fartura, o que garantiria a presença no Santuário no ano seguinte.

O desejo de um inverno vindouro está presente nas ladainhas dos devotos, muitos que aos pés da Santa Cruz dos Milagres entoam de modo penitente seus “Benditos” alguns deles em louvor e agradecimento, outros cheios de contrição e pedidos uma melodia que evoca a chuva e a caridade da pequena cruz protetora, a madrinha que ao ouvir a melodia lamuriosa traria de volta o inverno fertilizaria o solo seco, assim o sertão castigado de paisagem cinza tornaria-se novamente colorido, não só pelo verde das árvores e colorido das flores, mas pela orquestra animada dos agricultores em seus “Benditos” de agradecimento. Mas a toada que se ouve nesse momento é o pedido de chuva.

Bendita as chuvas meu Jesus Menino,
Chuva pra os inocente que são pequenino
Chuva pra os inocente que são pequenino

Acorda meu anjo e me ajuda eu rezar
Acorda meu anjo e me ajuda eu rezar

Que as árvore estão seca e quer vir verdejar
Que as árvores estão seca e quer vir verdejar

As árvore estão seca que não fazem sombra
Morrendo de sede e a gente de fome,
Morrendo de sede e a gente de fome.
[...]



O canto acima um “Bendito de Chuva” entoado aos pés da Santa Cruz dos Milagres por duas Marias que clamavam pela intervenção da santa para a vinda da chuva, como diz o canto “as árvores estão secas”, mas desejam a água para novamente ficarem verdes e alegrar o povo, além disso, também reforça a idéia da sede e da fome conseqüência do clima seco, confabulando para a hipótese de que as condições climáticas a que são submetidos esses homens e mulheres também influencia no modo como se relacionam com o santo e os pedidos que fazem podem ser determinados por suas necessidades do momento, no caso comida e água.

A Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres acontece em um dos períodos mais secos no semi-árido piauiense a relação dos romeiros com a Santa também pode ser percebido nesse momento, caso o inverno tenha sido “fraco” as aclamações a santa são mais vigorosas e penitenciais sendo possível encontrar aos pés dá cruz até mesmo garrafas d’água, quando o inverno é “bom” as ações penitenciais ainda permanecem, mas tomam um tom mais festivo a própria fisionomia do Santuário é outra já que os campos estão verdes e vigorosos.

A seca nas palavras de Cândido da Costa e Silva deixa esses homens e mulheres em uma situação de insegurança, a falta de assistência os direciona as divindades protetoras, que “atenciosas” aos problemas de seus devotos, fazem o que o estado deixa de fazer e oferecem a saúde e o trabalho e a possibilidades de dias mais abastados.

Por ser uma constante na fisiografia do Nordeste, a seca foi fator de agravamento agudo da pobreza e da fome, cujas causas estão enraizadas na estrutura socioeconômica, na ausência de força do nordeste para decisões políticas, e menos na ecologia, álibi adequado para justificar a perpetuidade de uma situação crônica de injustiça e exploração opressiva. (SILVA, 1988, p. 58)

Essa quase situação limite em que vive o homem sertanejo, o faz procurar as forças sobrenaturais como remédio e solução, afinal ele como homem nada pode contra as forças naturais diferente dos santos, que por serem escolhidos podiam pedir em favor de seus devotos, para que a chuva viesse e o medo cessasse, já que a simples ameaça de tempos secos torna-se “geradora de insegurança” (SILVA, 1988, p. 58), como nos lembra Cândido uma situação na maioria das vezes agravada pelas forças humanas, problemas mais sociais do que necessariamente ambientais.

Nesse lugar onde tudo parecia difícil, das intempéries para adquirir comida ao serviço religioso, onde se adoecia e morria sem a ação do estado, tão aquém aos problemas do povo sertanejo, é nesse espaço que ainda notamos que a divindade de certo modo, “intervém” como mediadora entre o individuo e as forças superiores, possibilitando que os problemas que



os aflige sejam resolvidos. Cura de moléstias simples como uma dor estomacal a machucados adquiridos no trabalho diário, ou mesmo a cura de doenças consideradas incuráveis, essas situações aflitivas que movimentam anualmente o Santuário de Santa Cruz dos Milagres.

Esse devoto não procura o santo apenas para questões espirituais, aqui o espiritual anda lado a lado com as necessidades materiais, ou seja, o que leva o devoto a buscar a divindade é antes de tudo, a resolução das suas necessidades cotidianas, seu santo deve ser prático e atento aos desejos de seus devotos, a ponto de poder conceder-lhes a graça, além disso, adoecer no sertão significava procurar na ajuda do santo a cura.

Quem busca a cura num santuário não se imagina frente a pequenos problemas que são resolvidos cotidianamente na luta da vida, com esforço pessoal ou pela colaboração de amigos, familiares ou companheiros. Quando uma pessoa em nossa sociedade move-se pela cura está frente a situações que considera situações- limite, concretizadas em doenças graves, insegurança material e desordens morais. A procura de saída de circunstâncias aflitivas soa então como recorrência a uma “tábua de salvação” (MINAYO, 1994, p. 57).

Contudo, o povo aprende que na hora da doença ou da “agonia da morte”, a solução pode está nas beberagens e benzenções trazidas pelos rezadores, esses atuando como médico e padre, eram os rezadores também que diziam que santo curava o mal dos seus fiéis, eram eles antes dos padres que comandavam e direcionavam o culto ao santo, eles junto ao povo transformavam a capela em Santuário.

Essa convivência entre o santo e o devoto geralmente muito particular, acabava sendo livre da influência do beato ou mesmo do padre, pois os devotos que elegem seus santos, não é o santo que escolhem seus devotos, “Os fiéis lhe atribuem funções e, muitas vezes, ainda as modificam de acordo com seus interesses ou necessidades” (COUTO, 2004, p. 54), o santo de devoção será aquele capaz de ajudá-los nas horas difíceis.

É a esse santo prático que se refere Carlos Brandão ao traçar o “perfil” da religião popular segundo o autor ela “é mais para usar do que para servir e, em muitos casos, para seguir” (BRANDÃO, 1986, p. 137), tendo a mesma uma função clara que vai para além do caráter penitencial. Por esse motivo ampliasse a cada dia o número de seguidores do santo, sendo o ato de crer uma ação rotineira, onde o milagre transita no dia-a-dia e, ao mesmo tempo é um ato extraordinária para esses homens e mulheres crentes, “para o devoto, o milagre é plausível” (RAMOS, 1998, p. 24) e, se sustenta pelos relatos de outros fiéis que concedem veracidade ao milagre.

Nesse espaço de religiosidade heterogênea que a devoção surge, na maioria das vezes mesclada com elementos de diversas religiões, predominando em alguns casos, os ritos



católicos, como a reza do terço e mesmo a devoção aos santos, crença geralmente fomentada pelas histórias dos santos e seus exemplos de castidade e temeridade a Deus. A hagiografia desses taumaturgos era contada aos sertanejos com características locais, logo o santo estrangeiro e, europeu ganhava a cor e a forma de seus ouvintes, funcionando essas histórias, como instrumento de instrução e dogmatização, já que ainda pelo início do Século XX o número de padres atuando pelo sertão mostrava-se insipiente.

No território inabitado pela instituição surgem as devoções populares, os taumaturgos do povo, mas se é o santo europeu que predomina o mesmo é “transformado”, assim tomou outro aspecto as comemorações a Santo Antônio para quem se celebra e se dança e, assim esse tipo de devoção “orientada” pelo povo passam a ser combatidas, não há padres antes missionários em pequeno número, mas preocupados com a atuação religiosa do povo, que mescla superstições e práticas religiosas antiquadas, começa-se como lembra Eduardo Hoornaert uma luta entre “os deuses antigos e o novo Deus dos cristãos” (1997, p. 33).

Na falta do padre eram os beatos peregrinos que ao longo das suas andanças transmitiam a fé e davam os primeiros ensinamentos religiosos, eram eles quem construíam cemitérios e até mesmo as igrejas que abrigariam os padres nas desobrigas, essas capelas muitas vezes abrigavam os santos do povo, mártires sendo o seu culto tão verdadeiro e legítimo quanto o institucional.

Uma constante da sociedade brasileira desde os primeiros tempos da colonização até a época atual, tais grupos isolados criaram figuras santificadas, locais ou regionais, enriquecendo assim o hagiológico católico; balizaram também sua paisagem com lugares sagrados, identificando nas vizinhanças de seus povoados sítios que figuravam nas narrativas bíblicas; inventaram também toda uma hierarquia de “agentes do culto”, cuja função era preservar conhecimentos, realizar ritos, manter vivas as manifestações religiosas. (QUEIROZ, 1985, p. 65)

Esse agente religioso popular atuava como a figura religiosa da comunidade, eles “aprenderam os ensinamentos do catolicismo popular quase sempre no próprio lugar de seu exercício religioso” (BRANDÃO, 1986, p. 35) são eles que “santificam” junto com o povo o santo comunitário, em Santa Cruz dos Milagres é o beato o responsável pela revelação do mistério mostrando ao vaqueiro a pequena cruz de chapada e o olho d’água que seriam os elementos de mediação para o milagre.

O beato figura como um dos personagens principais na criação desse catolicismo sertanejo, que adequava às práticas religiosas da Igreja Católica a realidade do povo, o beato tinha a missão de ensinar o terço, o ofício de Nossa Senhora e as ladainhas, uma ação que



tinha como objetivo lutar contra o demônio e levar os devotos para o caminho da redenção, o catolicismo sertanejo nas palavras de João Everton;

[...] é profundamente marcado pela tradição dos beatos e beatas, segundo o costume dos sertanejos com suas cantorias e rezas populares; além do medo do diabo e do hábito de rezarem o terço e o ofício. Nesse catolicismo as manifestações dos ritos religiosos renovam, mudam [...] Muitos dos beatos são analfabetos, porém dominam com sabedoria a sua tradição. O beato é aquele que aos olhos de seu povo domina melhor a arte de aconselhar. (2010, p. 18)

Portanto, foi pela ação de alguns desses beatos, que tem início nas cercanias das cidades pontos de devoção, lugares aonde se ia ao encontro de Deus pelas vias do “Santo Caseiro”, aquele criado e aclamado pela comunidade, caso ele fosse provedor de muitos milagres a devoção deixava o espaço da comunidade e se expandia para as regiões circunvizinhas, uma religiosidade recriada ao modo dos seus fiéis, com santos semelhantes a eles.

Eram esses “Santos Caseiros”, que curavam a dor de estômago, as erupções na pele, a gripe brava, o desaparecimento da réis ou mesmo as doenças incuráveis, em troca recebiam dos fiéis orações e celebrações geralmente festivas, que além de servir como pagamento da promessa, possibilitava o encontro com os conhecidos, cabendo ao santo recompensar o devoto com a graça, uma espécie de troca como lembra Laura de Mello e Souza em sua análise da religiosidade colonial.

Para a maioria esmagadora dos habitantes da colônia, as doenças, as forças e armadilhas da Natureza apresentavam-se como indomáveis, irredutíveis. A fé mostrava, por isso mesmo, contornos tradicionais, arcaicos, onde a demanda de bens materiais e de vantagens concretas assumia grande importância, como se fosse uma espécie de contrato do tipo “toma lá dá cá”. (2005, p. 109)

O Socorro pela via do sagrado ultrapassou o tempo e chegou ao século XX, período do recorte, assim como os sujeitos analisados por Mello e Souza, o homem nordestino, em especial o piauiense, ainda busca nas divindades a conquista de bens sejam eles matérias ou os de ordem natural, como a seca que ainda impõe a fome e a pobreza ao homem nordestino, que reza e pede a misericórdia de seus santos protetores, guiados pela fé.

Uma fé descrita ao longo dos séculos por folcloristas, observadores atentos, mas que viam de modo romanceado as comemorações de devoção aos santos, atribuindo a essas festas o caráter de “nativamente votadas à alegria, ao divertimento, à vida folgazã e despreocupada de nossas classes populares”. (MORAES FILHOS, 1979, p. 11).



Esse caráter reducionista para com as devoção populares será notado ainda na década de 1970, Ruy Facó destaca que o atraso intelectual do povo sertanejo teria criado esses pontos de devoção popular, lugares onde se fomentava o fanatismo e o misticismo, sendo “o atraso intelectual extremo em que viviam as populações sertanejas, decorrente da estagnação econômica e cultural que em geral, oferecia campo favorável ao misticismo, ao mais grosseiro fanatismo religioso”. (1991, p. 67)

Afirmção semelhante faz Higino Cunha, intelectual piauiense que na década de 1923 ao escrever um livro sobre a “História da Religião no Piauí”, acreditava que o homem sertanejo em especial o piauiense, vivia inebriado pelos ritos de fé, pela crença nos santos que despontavam no sertão e, se deixava levar pelos milagres de Padre Cícero e pelas Curas do Olho d’água dos milagres,³ um dos componentes do culto a Santa Cruz dos Milagres.

Mas o peor é que esse estado da alma do sertanejo transborda às vezes em tenebrosos acessos de loucura religiosa colectiva, determinando crimes e pandemonios macabros como se deu no famoso reducto de Antonio Conselheiro. São notáveis as romarias ao juazeiro do celebre Padre Cícero e ao Olho d’água dos Milagres no município de Valença (CUNHA, 1924, p. 109).

Para o intelectual essa fé apaixonada acabava fomentando organizações de “fanáticos” religiosos como Canudos, gerando o que ele chamava de “loucura religiosa”, para Higino Cunha tudo que se afastava do seu olhar progressista era percebido como danoso, sendo os cultos aos santos padroeiros, como é o caso de Santa Cruz dos Milagres, um modo de espalhar crendices pelo sertão, para ele eram também os padres os responsáveis pelo fanatismo e falta de conhecimento do povo.

O modo como devoto católico se relacionava com o santo também irá gerar crítica de Matias Olímpio fará, que na década de 1910 fez de forma ambígua uma descrição das festas religiosas populares do Piauí, ao passo que as percebe como uma manifestação rica do folclore piauiense também as qualifica como grosseiras. Resultado do olhar da época de Matias Olímpio, além disso, o intelectual considera que o povo foi educado pela Igreja de modo a fomentar a superstição e fetichismo.

[...] o sapateado dessas festas, se não se adicionassem a estas as aclamações immoraes e os ditos mais descabellados. Que seja, afinal, tudo isso aceito com jocosidade e catitismo no mundo profano, não é aqui lugar para fazer-se reparo; mas, curiosa é que seja esta a atitude do sertanejo nas cerimônias do culto catholico. Tão grosseiros são os seus sentimentos religiosos que, sem intenção de chalacear com a divindade, ditos ambíguos se entoam em seu louvor (OLÍMPIO, 1912, p. 68-69).

Essa fé grosseira aos olhos dos intelectuais que despontava no sertão piauiense. Na verdade na maior parte do estado às devoções tomavam corpo e forma e seguiam os rituais locais, momento em que os santos dos altares da Igreja se “adequavam” ao modo de celebrar do povo. Licenciosa ou não as festas de devoção atraíam os olhares admirados ou mesmo preconceituosos, esse turbilhão heterogêneo que incomodava, seja aos propagadores do progresso seja os mensageiros da fé.

Mas para além da compreensão dos intelectuais e da Igreja Católica as festas de devoção eram antes o modo encontrado pelo povo para agradecer as graças alcançadas, momento de reverenciar o santo interventor, e a cada nova festa surgia novas histórias de bênçãos e milagres alcançados, um santo inclusive que satisfazia-se com modesta esmola do devoto, que agradava-se com “a sincera promessa de um arco que rende ao santo amigo meia dúzia de patacas, basta para que elle preste assim incalculáveis serviços a humanidade” (OLIMPIO, 1912, p. 65), por pouca que fossem as ofertas o santo reconhecia, pois “a bondade de um santo reconhece as possibilidades matérias dos fiéis” (RAMOS, 1998, p. 37).

Era pelo relato do primeiro milagre que tornava o santo popular e amplamente divulgado, sendo o seu poder anunciado pelo devoto recebedor da graça, que passa a ser seu maior anunciador, a oralidade funciona então, como instrumento de confirmação e propagação do milagre, sendo a memória um importante veículo na manutenção dessa devoção, já que “o esquecimento equivale a sua supressão” (ANDRADE, 2011, p. 20).

Manter viva a memória dos milagres também é uma das obrigações do devoto, que passa a contar as graças conquistadas, assim como também mantém o modo de relaciona-se com a santa, Michel Pollak define as memórias como “recordações” individuais o que não significa dizer que se afastem do coletivo, essa memória individual passa a fazer parte do grupo o que era antes um relato individual torna-se uma memória do grupo.

[...] a memória é constituída por *pessoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa. (POLLAK, 1992, p. 201)

É pelas memórias transmitidas através da oralidade que o milagre percorre o sertão, atraindo cada vez mais devotos para o retiro do santo. Histórias cercadas de simbolismo, que vem cheia de significado para quem escuta. Passamos a crer por que involuntariamente nossos pais ou conhecidos nos ensinaram a crer, relatos que abrem um leque de possibilidades de análise para o historiador.

As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização cada narrador, dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós. (KHOURY, 2001, p. 84)

O anúncio do milagre e confirmação pelo devoto recebedor da graça atrai novos devotos; é pelo relato dos agraciados com o milagre do santo, que seu poder é divulgado, devotos que muitas vezes atribuem ao santo, poderes fantásticos, que segundo eles só pode existir no universo dos eleitos, como sugere Solange Andrade “o santo é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional”. (2008, p. 242)

Para o devoto vale crer em um ser que se assemelha a eles, pois muitos desses Santos Sertanejos passaram pela mesma agrura de seus devotos, viveu como eles, as injustiças sociais ou o dissabor da seca e as privações, mas o que os diferencia de seus devotos é a capacidade de fazer milagres de terem sido, segundo seus seguidores, escolhidos por Deus e por isso conquistaram a glória.

Devoção que é fomentada a partir das dificuldades diárias, pois assim se começa a crença, pela busca de coisas objetivas “palpáveis”. É certo que a plenitude moral e espiritual também faz parte do universo do fiel, mas no catolicismo popular surge de um modo diferente, o espírito está calmo quando a vida do devoto está farta e quando a família tem saúde.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Solange Ramos de. Espaço Sagrado e Sacralização do espaço: aspectos da procissão de corpos Christi em Maringá – PR. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 11, setembro 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acessado em: 24 fev. 2012.

_____. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In: *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COUTO, Edilece Souza. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N.S da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

CUNHA, Hygino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauiense, 1924.

- CRUZ, João Everton da. *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro*. Dissertação de mestrado. Minas Gerais, 2010.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós- Graduated em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2001,
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações da Cura no Catolicismo Popular. In: ALVES, Paulo César. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- OLIMPIO, Matias. Festas Populares Piauhenses. In: *Revista Litericultura*. Ano I. nº 4. Teresina: Tipografia Paz, 1912.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. Trad. Maria Theresinha Janine Ribeiro. In: *Projeto História Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2001.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade Nacional, religião expressões culturais: a criação religiosa no Brasil. In: *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo Encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos*. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1998.
- SANTOS, Patrícia de Sousa. *DIVINA SANTA CRUZ: a construção da fé num território de poder*. Monografia de conclusão de curso. Licenciatura Plena em História. Universidade Federal do Piauí: Teresina, 2010, p. 18.
- SÃO FELIX. *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Felix de Cantalice (1968-1984).
- SILVA, Cândido da Costa e. Uma Leitura missionária da seca nordestina. In: SILVA, Severino Vicente (org.). *A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia*. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005,

THOMPSON. E. P. O Termo Ausente: Experiência. *In: A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Notas

¹ Termo usualmente utilizado no Piauí que quer dizer para o ano que vem.

² Termo utilizado pelos devotos para se referir a Santa Cruz dos Milagres, a mesma é chamada também de Bendita Santa Cruz.

³ O Olho d' água dos Milagres junto a Santa Cruz dos Milagres formam a "dupla" milagrosa, o devoto depois de visitar a santa vai ao olho d' água banha-se com suas águas, que teriam poderes curativos, o olho d' água também teria sido revelado ao vaqueiro pelo beato, junto com Santa Cruz dos Milagres.